

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

**Anatomia artística na
Mesopotâmia I Suméria, Acádia,
Neosuméria e Babilónia**

J. A. ESPERANÇA PINA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Anatomia artística na Mesopotâmia I

Suméria, Acádia, Neosuméria e Babilónia

J. A. ESPERANÇA PINA¹

PERÍODOS HISTÓRICOS DA MESOPOTÂMIA

Os períodos históricos da Mesopotâmia estenderam-se entre 3000 e 539 a.C. A Suméria, entre 3000 e 2500 a.C. A Acádia entre 2500 e 2150 a.C. A Neosuméria entre 2150 e 2015. A Babilónia entre 2015 e 1500 a.C. A Assíria entre 1500 e 612 a.C. A Neobabilónia entre 612 e 539 a.C.

SUMÉRIA (3000-2500 A.C.)

Na Suméria acima das classes sociais estava o rei, considerado o intermediário entre o deus e a população, sendo simultaneamente chefe político e religioso. “Patesi” ou “Lugal” era o título dado aos chefes locais. Subordinado ao rei, havia o clero que administrava os bens do templo. Ao lado da aristocracia burocrática existia a população e os escravos. Os interesses do rei e do Estado, as expedições comerciais, a administração dos celeiros do estado, os bens da casa real, o tesouro público e os impostos, era feita por uma aristocracia burocrática, cujos funcionários estavam colocados sob a autoridade de um intendente ou nubanda.

O Intendente Ebih-il (3000-2500 a.C.), procedente de Mari, pertence ao Museu do Louvre, em Paris, aparece como uma personagem obesa, atarracada, com a cabeça rapada, atento às ordens do seu rei e simultaneamente seu fiel devoto.

A Suméria foi governada pelas dinastias arcaicas, situadas em Kish, Uruk, Ur, Kish, Lagash e Umma.

Na dinastia de Kish distinguiram-se Mebararagesi e Mesilim.

Na dinastia de Uruk distinguiram-se Enmerkar e Gilgamesh, famoso pelos feitos que realizou.

Na 1.ª dinastia de Ur distinguiram-se Meskalmdug, Akalandug e Mesannepadda.

Na dinastia de Lagash distinguiram-se Ur-Nanshe, Eutemena e Uruimogina.

Na dinastia de Umma distinguiu-se Lugalzagesi.

O capacete de Meskalmdug (3000-2500 a.C.), em ouro, procedente de Ur, encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad, sendo este capacete típico dos soberanos sumérios, reproduzindo as tranças, os caracóis e a orelha.

A 1.ª dinastia de Ur ficou famosa pelo cemitério real de Ur. A necrópole continha os dezasseis túmulos dos reis mais importantes, sendo de destacar a do rei Akalandug, da rainha Puabi e a mais famosa, a do rei Meskalmdug, conhecida pelo poço da morte.

¹ Membro Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L. Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa da U.C.P. Ex-Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

Na necrópole do rei Meskaldug, encontraram-se os restos mortais de 74 corpos humanos inumados no poço da morte, sendo soldados, servos, músicos, e membros do clero. Estes indivíduos foram narcotizados no momento da inumação do seu Senhor para podê-lo servir no Além, e muitas de jóias em ouro, prata, lápis-lazúli, vasos, liras, harpas, barcos, entre outros.

O colar constituído por elementos triangulares alternados em ouro e lápis-lazúli (3000 a.C.) pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad.

O colar em lápis-lazúli e coralina (3000 a.C.) encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad.

O diadema constituído por folhas de ouro (3000 a.C.) pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad.

O cálice em ouro com linhas moderníssimas (3000 a.C.) encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad.

O punhal em ouro com cabo em lápis-lazúli e bainha muito trabalhada (3000 a.C.) pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad, sendo uma verdadeira obra de ourivesaria.

Os instrumentos musicais representam cenas de mistérios ou representações teatrais com indivíduos mascarados, parecendo situar-se no limite da religião e da arte, e na fronteira entre a magia e o culto, como a harpa de Ur.

A harpa de Ur (3000-2500 a.C.) decorada em madrepérola, pasta vítrea e lápis-lazúli, encontra-se no Museu Britânico, em Londres.

Apresenta na caixa quatro cenas: a primeira, com Gilgamesh, o herói pré-histórico entre dois touros; a segunda, disfarçada de leão e um lobo fazem um sacrifício; a terceira, com máscaras de animais tocando instrumentos musicais; a quarta, um escorpião e um cabrito a dançarem.

A caixa-de-ressonância da harpa de Ur apresenta na parte superior a cabeça de um touro, em ouro.

O estandarte de Ur com figurinhas recortada em concha, madrepérola e fundo em lápis-lazúli (3000-2500 a.C.), pertence ao Museu Britânico, em Londres, com duas faces laterais, a face da guerra e a face da paz, apresentando cenas mitológicas e lendárias.

A face da guerra, apresenta três registos: o registo inferior com o rei e os escudeiros no carro de guerra em quatro posições, observando-se os inimigos pisados; o registo intermédio, apresenta os vencedores cobertos com capacetes e mantas, conduzindo os prisioneiros; o registo superior mostra cada dois prisioneiros atados dorso a dorso, apresentados ao rei, acompanhado com o vizir e atrás um escudeiro segurando as rédeas de um carro vazio.

A face da paz apresenta também três registos: o registo inferior com animais destinados a puxar os carros de guerra; o registo intermédio com cabreiros, vaqueiros, lavradores levando ao palácio os seus produtos; o registo superior com o rei sentado, em conselho com seis dignitários, bebendo, enquanto servos vão dando serventia, e atrás do rei encontram-se um cantor e um harpista.

O bode macho de Ur (3.000-2.500 a.C.) em prata, ouro e lápis-lazúli, procedente do túmulo da rainha Subad, encontra-se no Museu Britânico, em Londres.

O bode macho tem um aspecto demoníaco estando preso numa árvore, sendo os dois cornos em lápis-lazúli, certamente com alguma relação com o Além.

As placas com orifício central são quadrangulares, em argila, com uma abertura no centro, sendo utilizadas para verter água sagrada ou o sangue dos sacrifícios e, uma vez realizado este ritual, eram suspensas nas paredes do templo.

A placa com orifício central de Ur-Nanshe (3000-2500 a.C.), em calcário, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. Apresenta à esquerda da sua banda superior, o Rei com o típico faldellin ou “kaunakés”.

Está representado com maior tamanho em relação às outras personagens, simbolizando a sua importância e categoria. Na sua frente os seus quatro filhos, seguidos por um funcionário, todos contemplando o soberano. Trata-se de um acto em que a família real preside a uma cerimónia comemorativa do início das obras de um templo. A banda inferior apresenta a segunda parte da cerimónia, representando o banquete seguido neste tipo de actos. O rei está sentado no trono e levanta a taça para brindar. Atrás, encontra-se um criado com uma garrafa pronto e encher de novo a taça, e adiante um alto funcionário e os três filhos do rei.

As estelas, com forma rectangular, relatam factos históricos de importância para a cidade-estado.

A estela dos abutres de Eannatum (3000-2500 a.C.), em calcário, procedente de Tello, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. Descreve uma campanha entre as cidades de Umma e Lagash, em que esta saiu vencedora. Numa face da estela, observa-se o “Patesi” de Lagash, marchando adiante da sua infantaria protegido com uma pele espessa, e os soldados protegidos com o escudo e armados com lanças em posição ofensiva, pisando os cadáveres dos inimigos.

Os cones de inscrição são feitos em terracota com textos dispostos em filas horizontais.

O cone de inscrição de Uruimgina (3000-2500 a.C.), em terracota procedente de Tello, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. O cone descreve determinações reais, como a redução de taxas e o fim de abusos cometidos no passado.

Os vasos são frequentes, sendo de salientar o vaso de Eutemena.

O vaso de Eutemena (3000-2500 a.C.), em prata e bronze, procedente das escavações em Lagash, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. É um recipiente com forma ovóide assente em quatro pés. O corpo é de prata e a base de cobre, ostentando uma decoração gravada a cinzel, mostrando uma águia, leões, veados e touros.

A escultura na Suméria está representada por numerosas estatuetas, traduzindo as características morfológicas dos sumérios.

Os Sumérios tinham cabeça redonda com testa curta e nariz proeminente em forma de bico de águia. A cabeleira é longa, dividida em mechas caindo sobre os ombros, barba comprida e cortada em quadrado. Estas características estão bem marcadas no grupo de orantes masculinos e femininos, em gesso (3000 a 2500 a.C.), procedentes de Tell Asmar, pertencem ao Instituto de Arte Oriental, em Chicago.

As estatuetas do deus Abu e de uma deusa (3000-2500 a.C.), procedentes de Tell Asmar, em gesso misturado com betume, encontram-se no Museu do Iraque, em Bagdad, demonstram a expressão de uma humanidade cujas mãos estão juntas e os olhos voltados para o céu. Os adoradores apresentam linhas geométricas, espáduas arredondadas e cotovelos angulosos, dorso trapezoidal, e saiote em tronco de cone. A cabeça está enterrada nas espáduas. Os olhos são enormes, tensos para o invisível, como se estivessem hipnotizados.

A estatueta de um adorador (3000-2500 a.C.), em alabastro, procedente de Eridu pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad, é diferente das estatuetas de Tell Asmar. Tem as mãos juntas numa atitude ritual e o corpo com um longo vertimento que esconde os pés. Dorso bem moldado e as espáduas arredondadas. Cabeça dolicocefala assentando num pescoço desenvolvido e olhos incrustados. O cabelo está substituído por uma touca cónica.

A estatueta de Dudu (3000-2500 a.C.), proveniente de Tello, em pedra vulcânica encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad, está sentado, com olhar firme, cabeça calva, dorso nu e mãos juntas ao peito.

As estatuetas de adoradores (3000-2500 a.C.), em alabastro, provenientes de Tell Chuera, pertencem ao Museu de Damasco, apresentam linhas geométricas, dorso trapezoidal, cotovelos angulosos, barbas, com cabelo comprido e saíotes em forma de sino.

A estatueta de uma adoradora (3000-2500 a.C.), em gesso, proveniente de Nippur, encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad. Tem um vestido longo com a espádua direita nua. A face tem um aspecto distinto, e os olhos com aspecto oriental.

A estatueta de um adorador (3.000-2.500 a.C.), em calcário, procedente de Nippur, pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad. Está em pé, com o dorso nu, apresentando as mãos juntas num gesto expressivo, e os olhos incrustados fitando o invisível. Espáduas arredondadas, cotovelos angulosos e destacados de um dorso trapezoidal. A parte superior do corpo mostra uma anatomia de superfície perfeita e a parte inferior está escondida pelas roupagens esquematizadas com um saíote enrolado.

A cabeça feminina (3.000-2.500 a.C.), em gesso, procedente de Mari, encontra-se no Museu de Damasco, apresenta-se com véu, e mostra os olhos muito penetrantes com um sorriso misterioso.

A cabeça do rei Lamgi-Mari (3000-2500 a.C.), em pedra, procedente de Mari, pertence ao Museu Arqueológico, em Alepo, apresenta uma expressão pensativa.

A cabeça do rei Iku-Shamagam (3000-2500 a.C.), em pedra, procedente de Mari, encontra-se no Museu Arqueológico, em Alepo, mostra uma expressão de admiração.

A cabeça do rei Nani (3000-2500 a.C.) em pedra, procedente de Mari, pertence ao Museu Arqueológico, em Alepo, mostra uma expressão enigmática.

A cabeça do rei Meunier Idi-Narum (3000-2500 a.C.), em pedra, procedente de Mari, encontra-se no Museu Arqueológico, em Alepo, mostra uma expressão expectante.

A estatueta de cantora ou cantor (3000-2500 a.C.), em gesso, procedente de Mari, pertence ao Museu de Damasco, em Alepo, está sentada e há dúvidas quanto ao seu sexo.

O casal acéfalo abraçado (3000-2500 a.C.), em gesso, procedente de Mari, encontra-se no Museu Arqueológico, em Alepo, representa dois seres animados pela paixão.

ACÁDIA (2500–2150 A.C.)

A Suméria, situada na parte central da Mesopotâmia, país das cidades-estados e dos reis sacerdotes tornou-se rapidamente num estado militar e administrativo unificado, originando assim o primeiro império do mundo.

Sargão I de Acádia, um semita, copeiro de profissão, revoltou-se contra o poder instituído e iniciou a dinastia de Acádia, na cidade de Kish, reinando 56 anos. Sucedeu-lhe o seu filho Rimush e depois o irmão deste, Manishtushut. Depois de 37 anos, ocupou o trono Narâm-Sin, neto de Sargão I, que dilatou o império. Após Narâm-Sin, o trono foi ocupado por seu filho, Shar-Kali-Sham, cujo reinado durou 25 anos, até que um povo nómada originário nas montanhas do nordeste, os Guti, saquearam e destruíram os restos do império acádio.

As vitórias de Narâm-Sin ficaram registadas na célebre Estela da Victoria (2250 a.C.), esculpida num bloco de granito róseo, pertencente ao Museu do Louvre, em Paris. Nesta estela, Narâm-Sin imortalizou-se a si e ao seu exército vitorioso, como monumento comunitário, cuja conservação se deve ao facto de ter sido pilhada para Susa, onde foi descoberta. Na Estela da Victoria, observam-se os soldados reais

avancar numa encosta de montanha. Em cima, solitário diante dos inimigos vencidos, encontra-se Narâm-Sin. Tem na cabeça, um capacete com chifres, reservado aos deuses e representa o símbolo do poder. Tem um avental de pele, com arco e flecha. Seguem o rei os soldados vencedores, numa fila ondulada, enquanto a seus pés estão os vencidos, mortos, fugitivos ou suplicantes.

A escultura na Acádia está representada por estátuas mutiladas e muito danificadas, esculpidas em diorite.

A cabeça, procedente de Ninive, representando Sargão ou o seu neto, Narâm-Sin (2500 a.C.), em bronze, pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad. Apesar de não ter olhos, outrora embutidos com materiais preciosos, conserva um ar majestoso de comovedora humanidade. A riqueza do enquadramento do rosto, com a boca e os lábios sensuais esboçando um ligeiro sorriso irónico ou desdenhoso. O cabelo entrançado e a barba fina encaracolada são tratados com incrível precisão sem perderam o seu carácter orgânico nem se tornarem num simples ornamento. Apesar dos olhos enucleados feita por uma mão destruidora, a máscara guardou toda a sua nobreza.

A estátua de Manishtushu, filho de Sargão (2500 a.C.), em diorite, pertence ao Museu do Louvre, em Paris, apresenta apenas o vestido, sulcado em diagonal com muitas ondulações.

Os pés da estátua de Narâm-Sin (2500 a.C.), em diorite, procedente de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, apresenta bem evidenciadas as veias superficiais do dorso do pé.

A estela acadiana (2450-2285 a.C.), em alabastro, em dois fragmentos, procedente de Nasriyeh, no sul do Iraque, pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad, comemorando uma cena de vitória. Observa-se o desfile de prisioneiros e como habitualmente estão nus, desfilando. Todas as precauções são tomadas precavendo uma evasão, com cordas passadas nos cotovelos e um instrumento que passa pelo pescoço para evitar movimentos. Os membros são finos, a cabeça do tipo dolococéfal, cabelos compridos, e com bigode, ou bigode e barba.

A estela acadiana (2450-2285 a.C.), em alabastro, num fragmento, procedente de Nasriyeh, encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad. Observam-se dois soldados, com espada à cintura, capacete provavelmente em pele e transportando o espólio. A mão direita tem a correia de um gládio e na mão esquerda a ansa de um jarro, talvez de metal.

NEOSUMÉRIA (2150–2015 A.C.)

Os sumérios, depois de terem sido expulsos os Guti, voltaram a organizar-se em cidades-estados, com alguma autonomia, sendo Lagash e Ur, as mais importantes, dando origem ao renascimento da Suméria, para constituírem a Neosuméria.

Em Lagash, com Urbaba, Gudea e Ur-Ningirsu, constituíram a dinastia de Lagash, sendo com Gudea, que foi alcançado o máximo esplendor da Neosuméria.

Em Ur, Ur-Nammu fez um golpe de estado e implantou a 3.^a dinastia de Ur. O seu filho Shulgi, recebeu um país consolidado, e a este rei se fica a dever a promulgação do mais antigo código de leis, o código de Shulgi, com trinta artigos. Com Amar-Sin e depois com o seu irmão Shu-Sin, a 3.^a dinastia de Ur alcançou o seu apogeu. A decadência de Ur deu-se com Ibbi-Sin, que não conseguiu resolver a grave crise económica, e sobretudo os ataques dos amorreus a oeste, e dos elamitas a este.

A escultura na neosuméria está representada por numerosas estátuas, sendo de salientar cerca de trinta, do Patesi de Lagash, Gudea.

A estátua de Gudea em pé (2200 a.C.), em diorite, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, personifica a anatomia do corpo humano. Gudea está representado de pé, tendo as mãos cruzadas sobre o peito, os pés evidenciados, os dedos da mão afilados e as unhas bem tratadas. Apresenta-se de frente, provavelmente olhando para um deus, com modéstia, mas confiante na justiça da sua causa. A boca e as mãos não expressam o diálogo, pois apenas os olhos são capazes.

A estátua de Gudea com um vaso nas mãos (2200 a.C.), em calcite, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. O vestuário tem grande simplicidade deixa nu a espádua e o braço direito, algumas pregas na axila e outras no antebraço esquerdo.

A estátua de Gudea “o arquitecto” (2200 a.C.), em diorite, procedente de Tello, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. A estátua está decapitada, com uma tábua gravada, e sobre os joelhos outra tábua prestes a ser trabalhada, observando-se o estilete e a régua graduada, os instrumentos de um construtor.

A estátua do pequeno Gudea sentado (2200 a.C.), em diorite, procedente de Tello, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. A cabeça está envolvida num turbante, usado em determinadas cerimónias religiosas. No saíote está reproduzido o texto de orações. Observa-se a desproporção do tronco, mãos e pés. A cabeça está metida entre os ombros com pescoço potente e curto. Os músculos do membro superior direito foram reproduzidos com vigor e realismo. A estátua tem um texto gravado, relatando um documento comemorativo do lançamento da primeira pedra de um edifício.

A cabeça de Gudea com turbante (2200 a.C.), em diorite, procedente de Tello, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. A cabeça com turbante, apesar do vandalismo que a mutilou, não perdeu a sua expressão dominadora. Os olhos fixos, as maçãs do rosto e a boca, traduzem uma personalidade vigorosa e inteligente de homem voluntarioso. Imagem que se afirma sem necessidade de recursos ornamentais.

A estátua de Ur-Ningirsu (2100 a.C.), em alabastro, procedente de Tello, encontrando-se a cabeça no Museu Metropolitano, em Nova York e restante porção da estátua no Museu do Louvre, em Paris. Ur-Ningirsu, filho de Gudea deixou uma estátua em pé orando. Tal como as estátuas de Gudea têm a mesma simplicidade e a mesma elegância aristocrática.

A estela de Gudea (2200 a.C.), em calcário, procedente de Tello, pertence ao Museu de Pergamo, em Berlim. A estela apresenta o “patesi” seguir vacilando, sem quase mover os pés, seguindo atrás de dois camareiros da corte celestial. A estela, muito mutilada não permite ver a face da deusa sentada no trono, mas atrás, muito impressionado com a cena encontra-se um deus com dois pares de cornos.

Além das estátuas de Gudea e de seu filho encontraram-se também estátuas femininas.

A estátua de mulher com touca (2200 a.C.), em esteatite, procedente de Tello, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. A mulher da touca é provavelmente a mulher de Gudea, Não há dúvida de que se trata de uma dama de elevada condição social a julgar pelo vestido de duas peças, com adorno simples, mas elegante, e pelo colar com várias voltas ao pescoço. Uma touca apertada com uma faixa, escondendo-lhe o cabelo.

A estátua de cabeça feminina (2200-2100 a.C.), em mármore, procedente de Ur, encontra-se no Museu da Universidade de Filadélfia. A estátua identificada como uma princesa neosuméria e também como uma divindade, apesar da mutilação que lhe destruiu parte do rosto, manteve o seu encanto e o olhar não perdeu a sua estranha expressão.

BABILÓNIA (2015-1500 A.C.)

A Babilónia constituía a região meridional da Mesopotâmia que se estendia entre os rios Tigre e Eufrates, e em que uma pequena cidade, Babilónia, se converteu na capital política do país. O território da Babilónia incluía os antigos países da Suméria e da Acádia, estendendo-se a sul até ao Golfo Pérsico, e a este com o Elan, o actual Kuzistão.

PALEOBABILÓNIA (1894-1595 A.C.)

Os amorritas ao instalarem-se na Babilónia passaram a desempenhar um papel político, económico, cultural e religioso, fundando a dinastia amorreita, que governou a Babilónia cerca de 300 anos.

Hammurabi pode unificar territorialmente a Mesopotâmia, tendo no final do seu reinado compilado o seu famoso Código. Samsu-Iluna, sucessor de Hammurabi teve de fazer frente a numerosas tribos cassitas, que queriam penetrar em Babilónia. Os sucessores de Samsu-Iluna tiveram de enfrentar momentos ainda mais difíceis, até que Samsu-Ditana, não pode fazer frente a um inesperado ataque dos hititas chefiados por Mursil, que, depois de pilharam e incendiaram Babilónia, regressaram ao seu país na longínqua Anatólia, deixando um vazio de poder.

O Código de Hammurabi (1800 a.C.), procedente da Escola Paleobabilónica de Susa (Irão), pertence ao Museu do Louvre, em Paris. Está gravado numa estela cónica em diorite, com cerca de 2,25 metros de altura e quase 2 metros de circunferência na base. Representa a primeira grande sistematização da História do Direito.

É constituído por 282 artigos de direito penal, processual penal, civil e administrativo, sem estabelecer entre eles uma separação nítida, unificando as anteriores legislações, proporcionando uma homogeneidade jurídica. É a primeira grande sistematização na história do direito, mas apresenta aspectos claramente repressivos, como a lei de talião, ou seja, castigo igual à culpa, desforra igual à ofensa recebida. Com a promulgação do código iniciou-se uma reforma judicial de grande alcance, mas sem excessivas preocupações sociais. A igualdade jurídica estabeleceu-se para todos os cidadãos, mas de um modo elitista, já que a aplicação das suas normas não era idêntica para todos os cidadãos.

O Código de Hammurabi apresenta na porção superior da estela, o soberano de pé, recebendo Shamash, deus do sol e da justiça. Hammurabi e Shamash têm olhos muito abertos de modo a estabelecer uma relação entre um deus e um homem. Hammurabi, tem o braço direito num gesto de quem fala, como se estivesse apresentando o seu Código.

A escultura na Paleobabilónia tem tendências contraditórias, continuando o estilo das estátuas de Gudea.

A provável cabeça de Hammurabi (1800 a.C.), em esteatite, proveniente de Susa, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. A fâcies apresenta um aspecto envelhecido, fatigado, e emagrecido transmitindo um ar adoentado. Os lábios pregueados esboçam serenidade, as maçãs do rosto descarnadas, os olhos abertos e mais pequenos que o habitual.

A estátua acéfala do príncipe Idi-ilum, governador de Mari (2000 a.C.), em esteatite, proveniente de Mari, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. A estátua representa um príncipe aristocrático, vestido com elegância harmoniosa.

A estátua do príncipe Ishtup-Ilum, governador de Mari (2000 a.C.), em esteatite, proveniente de Mari, pertence ao Museu Arqueológico, em Alepo. Apresenta as mãos juntas, os pés descalços, semelhante às atitudes de Gudea, mas mostrando a brutalidade da face, atenuadas pela barba e bigode.

É de realçar a parte direita do dorso, ombro e braço direito do príncipe Ishtup-Illum, com texto gravado e mostrando uma perfeita anatomia de superfície.

A cabeça de Puzur-Ishtar (2000 a.C.), em diorite, encontra-se no Museu de Pergamo, em Berlim. Apresenta os lábios esboçando um ligeiro sorriso, as maçãs do rosto proeminentes e os olhos abertos em observação.

A cabeça de guerreiro (1800 a.C.), em pedra, proveniente de Mari, pertence ao Museu Arqueológico, em Alepo. Apresenta os lábios rasos esboçando um ligeiro sorriso, nariz arqueado ou aquilino muito desenvolvido e olhos salientes animando o rosto.

A deusa com vaso (1800 a.C.), proveniente de Mari, encontra-se no Museu Arqueológico, em Alepo. As orbitas sem olhos, com o nariz selvaticamente destruído, apresentando um ar sério, com as bochechas finamente modeladas e o rosto ovalar enquadrado pela cabeleira que recobre os ombros. As mãos sustentam um recipiente contendo a água da fertilidade.

O adorador ajoelhado (1800 a.C.), em bronze e ouro proveniente de Larsa, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. O adorador faz uma promessa pela vida de Hammurabi, estando ajoelhado, com barba, em que a face e as mãos estão folheadas a ouro. O joelho direito na terra parece ter um gesto de súplica e a mão direita ao nível da boca.

O marceneiro trabalhando (2000 a.C.), em terracota, proveniente de Warka, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

O músico tocando harpa (2000 a.C.), em terracota, proveniente de Warka, pertence ao Museu do Louvre, em Paris.

A pintura na Paleobabilónia encontrava-se no palácio real de Mari. Várias salas apresentavam pinturas murais realizadas a têmpera sobre gesso, sendo as cores utilizadas, os amarelos, os verdes, os azuis e sobretudo os vermelhos. As pinturas muito danificadas e fragmentadas, mostram cenas de guerra e religiosas, e também cenas da vida diária nos seus aspectos mais simples.

O Ordenador dos Sacrifícios, (1750 a.C.), proveniente de Mari, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. A pintura descreve uma cena ritual. À direita, uma personagem proeminente, cujo corpo gigantesco está parcialmente destruído, é talvez o próprio rei a abrir o cortejo. Segue-se o sacrificador, de bastão empunhado, assistido por um ajudante barbudo que conduz um touro preparado para o sacrifício.

MESOBABILÓNIA (1570-625 A.C.)

Desaparecida a dinastia amorreita, com a ocupação desta cidade pelos hititas, que pilharam e incendiaram Babilónia, tendo depois regressado ao seu país, na longínqua Anatólia. Deixaram um vazio de poder, o que foi aproveitado pelos Povos do Mar, que passaram a controlar Babilónia durante cerca de 25 anos, constituindo a dinastia do Países do Mar, que terminou com a retirada destes povos, resultante da pressão dos cassitas, que instituíram a dinastia cassita, que se manteve no poder cerca de 576 anos.

Não se sabe muito, sobre os primeiros reis cassitas, sendo Ulam-Buriash que recuperou territórios ao sul e estabilizou as fronteiras do norte. Seguiram-se Kurigalzu I e Burna-Buriash III, que mantiveram boas relações com os faraós egípcios. Kastiliash IV, foi feito prisioneiro pelos assírios e com isto terminou a dinastia cassita.

Na cidade de Isin, Marduk-Kabit-Akhkhes-Hu iniciou a dinastia de Isin, com a duração de 130 anos. Com Nabucodonosor I, regressou o esplendor a Babilónia e a conquista do Elan.

Durante cerca de 274 anos, Babilónia conheceu cinco dinastias estrangeiras, com numerosos e incapazes reis, sendo este período conhecido por período obscuro.

A dinastia assíria, com a duração de 122 anos, inicia-se com Nabu-Nasir, em 747 a.C. durante os quais as influências e o domínio efectivo assírio se tornaram uma realidade, com grandes reis assírios, como Sargão II e Senequerib. O período mesobabilónico terminou com a morte de Assurbanipal, quando os caldeus se apoderaram do trono de Babilónia para constituírem a dinastia caldeia.

A escultura na Mesobabilónia apresenta as estelas esculpidas, os “kudarrous”, blocos de pedra negra, em diorito, encontrando-se nos santuários, com numerosas inscrições.

No “kadurru”, o rei Mélishipak apresenta a sua filha à deusa Nana (1200 a.C.), em diorite, procedente de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. Lembra a estela de Gudea, continuando a religião a ocupar um lugar importante nesta civilização.

No “kadurru”, a procissão de guerreiros (1500 a.C.), em bronze, proveniente de Susa, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. É um baixo-relevo representando a comemoração de uma vitória, com quatro guerreiros em marcha munidos com uma arma curva.

A estátua acéfala da rainha Napir-Asui mulher de Untash-Huban, (1250 a.C.), em bronze, proveniente de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. Apesar de mutilada, traça um vestido de estilo, e parece deslizar num tapete de um salão de recepções.

A estátua de portador de oferendas (1500 a.C.), em prata, proveniente de Susa, pertence ao Museu do Louvre, em Paris. O portador transporta numa mão, o animal para um sacrifício.

A estátua de portador de oferendas (1500 a.C.), em “electrum”, proveniente de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. O portador transporta numa mão, o animal para um sacrifício.

A cabeça de um alto dignitário com barba (1500 a.C.), em cobre, proveniente de Amadan, pertence ao Museu Metropolitano de Arte, em Nova York. Representa um homem com fâcies demonstrando gravidade, com o cabelo achatado sob um turbante que aperta a fronte. A barba permite mostrar as “maças do rosto”, um bigode curto e os lábios finos e fechados e as órbitas sem olhos. No conjunto a estátua acompanha a meditação silenciosa deste monarca ou deste sacerdote, com aspecto severo.

NEOBABILÓNIA (625-538 A.C.)

Terminada a dinastia cassita, os caldeus, apoderaram-se do trono da Babilónia, iniciando a dinastia caldeia.

O primeiro rei foi Nabopolosar I, a que se seguiu Nabuconosor II, que reinou 42 anos, um dos monarcas da Antiguidade que reunia excelentes dotes militares, administrativos e políticos e pelos relatos que a Bíblia dele faz acabou por se apoderar de Jerusalém. A Nabucodonosor II sucederam Amel-Marduk, Neriglissar e Labasi-Marduk, reis sem importância histórica. Seguidamente o exército babilónico entregou a realza a Nabónedo, personalidade estranha com fortes convicções religiosas e depois Bell-Harra-Usur (Baltasar). As poucas simpatias que suscitou entre os sacerdotes babilónicos seguidores de Marduk, levaram a entregar Babilónia ao rei dos Persas, Ciro II.

Babilónia foi a mais importante de todas as cidades mesopotâmicas, tanto pelo seu prestígio político e religioso, como pela sumptuosidade das suas construções. Cidade catalogada pela Bíblia como símbolo do orgulho humano e causadora do arrasamento de Jerusalém e do exílio dos seus habitantes, tendo conhecido várias destruições ao longo da sua dilatada história.

A vista aérea das escavações arqueológicas efectuadas no sítio de Babilónia, permite distinguir à direita, o resto da muralha que protegia a cidade, e em baixo as ruínas do palácio de Nabucodonosor II. Este rei foi o mais audacioso construtor da antiguidade, não só da capital do Império, mas das grandes cidades do sul da Mesopotâmia. Palácios, templos, jardins suspensos, canais, ruas, pontes, muralhas e fortificações, fizeram reviver em Babilónia a época de esplendor de Hamurabi e tornaram-na a mais rica e a maior cidade do mundo.

A grande obra do período paleobabilónico centrou-se na reconstrução de Babilónia. A cidade tinha a forma de um rectângulo irregular rodeado de uma dupla muralha e um profundo fosso cheio de água. O Eufrates dividia a cidade em duas partes, a cidade antiga e a cidade nova, comunicando entre si através de uma ponte.

A cidade nova tinha pequenas dimensões, estava ocupada fundamentalmente por bairros residenciais, sendo abastecida de água por um canal com origem no Eufrates.

A cidade antiga continha grandes palácios, sobretudo o palácio real de Nabucodonosor II, numerosos santuários como o santuário do deus Marduk, e as instalações administrativas e oficiais. Aqui se encontrava a via processional, com origem na porta de Istar, enorme fortificação com duas grandes torres quadrangulares e um arco central, com cerca de 12 metros de altura, decoradas com ladrilhos vidrados, representando animais sagrados, em relevo. A via processional atravessava a cidade antiga e terminava no Santuário de Marduk e no Palácio Real.

Uma parte da via processional encontra-se no Museu de Pergamo, em Berlim, estando decorada com relevos vidrados representando leões.

A porta de Istar (580 a.C.) pertence ao Museu de Pergamo, em Berlim, a que se seguia a via processional, tudo revestido com ladrilhos vidrados e decoradas com animais sagrados.

Um leão da porta de Istar (580 a.C.) encontra-se no Museu de Pergamo, em Berlim.

Um dragão da porta de Istar (580 a.C.) pertence ao Museu de Pergamo, em Berlim.

Um touro da parede da via processional encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

Parte das paredes do salão do trono, do palácio real de Nabucodonosor II, existem no Museu de Pergamo, em Berlim, estão revestidas com mosaicos esmaltados, com temas animais e vegetais, como símbolo da vida.

O zigurate colossal conhecido pelos assírios por El-temen-na-ki (casa dos alicerces do céu e da terra), tem sido identificado com a mítica Torre de Babel, constituindo um dos mais famosos monumentos da história da arte. Tinha sete andares com mais de 90 metros de altura e uma base com 2000 metros quadrados.

Os Jardins suspensos foram construídos por Nabucodonosor II para agradar a sua mulher Amytis, filha ou neta do rei medo Astíages, para que a princesa tivesse a ilusão de viver entre a vegetação do seu país. Faziam parte do palácio real encontrando-se grandes variedades de plantas, como palmeiras, figueiras, oliveiras, salgueiros, laranjeiras, amendoieiras, romãzeiras, macieiras, entre outras.

Os Jardins suspensos eram deslumbrantes, como se pode observar numa passagem do filme *Alexandre*, de Oliver Stone.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 22 DE JULHO DE 2010)